‘É um equívoco usar raça como critério no Brasil”

Entrevista de Simon Schwartzman a Ciça Guedes

O Globo, 21 de março de 2004

O sociólogo Simon Schwartzman, presidente do Instituto de Pesquisas Sociais e Políticas Públicas, que acaba de lançar o livro “As causas da pobreza” (FGV Editora), diz que “é um equívoco usar raça como critério porque a população brasileira é uma grande mistura de pessoas de todas as origens”. Em entrevista ao GLOBO por e-mail dos EUA, onde dá aulas na Universidade de Harvard, ele diz que seria um retrocesso atribuir a autoridades do governo o direito de decidir quem é branco, pardo, índio ou negro, usando fotos ou testes de DNA.

O GLOBO: O senhor diz que a pobreza e a exclusão social tornaram-se temas dominantes das ciências sociais. O que se pode esperar dessa produção científica? A questão da miséria deve ao menos perder sua face moral e até religiosa?

SIMON SCHWARTZMAN: Os temas da pobreza e da exclusão eram muito importantes nas ciências sociais no fim do século XIX, mas ficaram em segundo plano ante a noção de que, com o desenvolvimento econômico e a modernização, desapareceriam. Isto não aconteceu, e agora eles voltam, envolvidos por fortes conotações morais e religiosas, constituindo o que hoje se denomina a agenda dos direitos humanos. Não basta se indignar com os problemas da pobreza e da exclusão, é preciso entender por que ocorrem e que instituições podem ser criadas e desenvolvidas para enfrentá-los.

O que é mito e o que é verdade quando se relaciona a pobreza às questões racial e educacional?

SCHWARTZMAN: As correlações entre cor, baixa educação e pobreza são claras e indiscutíveis. Os menos educados ganham muito menos, os níveis educacionais da população preta e parda (classificação do IBGE) são muito mais baixos do que o da população branca e, quando a educação é semelhante, a situação dos pretos e pardos é pior. O que é menos claro é como lidar com isso. Em relação à educação, o problema fundamental é fazer com que as escolas sejam capazes de suprir e compensar as deficiências culturais e educacionais que os alunos de baixa renda, brancos

ou pretos, carregam. Em relação à questão racial, há problemas de discriminação que tomam a situação mais difícil, mas não acredito que a condição de desvantagem da população negra e parda se deva exclusiva ou principalmente à discriminação. É importante desenvolver ações específicas em favor da população mais pobre, seja qual for a cor da pele.

E as cotas para negros nas universidades?

SCHWARTZMAN: Há duas questões. Primeiro, o problema da desigualdade não começa na universidade, e sim antes, na escola básica, que discrimina a maioria dos afrodescendentes e dos descendentes das nações indígenas. Para abrir lugares nas universidades para pessoas que, por estas razões, não conseguiram ter uma boa educação média e não conseguiriam passar nos vestibulares, seria necessário um trabalho de apoio e atendimento a elas, na forma de cursos adicionais, orientação, recursos financeiros, etc. Segundo a ação afirmativa deve se dirigir a pessoas carentes, líderes comunitários com potencial de desenvolvimento ou grupos raciais? É um equívoco usar raça como critério porque a população brasileira é uma grande mistura de pessoas de todas as origens. Seria um retrocesso atribuir a autoridades do governo ou a quem quer que seja o direito de decidir quem é branco, pardo, índio ou negro, usando fotos, testes de DNA ou o que for. Aliás, boa parte da população das regiões Norte e Nordeste tem sangue indígena, e não entendo por que ninguém fala em cota racial para eles, que não estão em situação melhor do que os de origem africana.

A que senhor atribui o desempenho aquém do esperado do Fome Zero?

Examinando os documentos iniciais do programa, vê-se que ele era ambicioso demais. Tinha a pretensão de ser quase que um governo dentro do governo, cuidando da distribuição de alimentos, de subsídios à agricultura, das políticas de importação, exportação e comercialização de produtos agrícolas, de educação dos hábitos alimentares, das políticas de abastecimento em muitas coisas mais, além de um grande projeto de mobilização da sociedade. Além do mais, faltou um diagnóstico adequado da situação e um conhecimento dos meios mais adequados para enfrentá-la. O Brasil tem problemas de pobreza e de carências alimentares específicas, mas não tem um problema de fome em grande escala. Nosso problema é de falta de dinheiro, educação e emprego, e não de falta de comida.

Como atuar de forma coordenada em âmbito internacional contra a fome e a miséria?

SCHWARTZMAN: Uma das melhores maneiras de ajudar as populações mais carentes nos países mais pobres é através de organizações internacionais que têm grande experiência deste trabalho, como a Unicef, Cruz Vermelha Internacional Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados e a Organização Mundial de Saúde O melhor caminho para revigorar os fluxos de ajuda internacional seria pelo fortalecimento destas agências e do sistema das Nações Unidas como um todo, o que não é fácil, dado o unilateralismo que é, hoje, a marca da política externa dos EUA e outros países.